

Notícias de Guimarães

N.º 16.º N.º 831
 GUIMARÃES, 4 de Janeiro de 1948
 Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4319
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Ronda dos Mortos Palavras de merecida justiça A Praça de Touros

Vai recolher, voltar ao silêncio da cova, a ronda dos mortos. Não foi, não é impiedade recordá-los. Contudo, bem melhor é não os despertar do grande sono. Seja, pois, esta crónica o seu velário.

A minha rua foi, outrora, muito principal. Para ela convergiam outras, mais maneirinhas. Como tronco, topográficamente bracejavam suas ramarias: Donães, Rua Escura, Tulha, S. Crispim, Serralho, Arrochela. Seus pulmões eram os largos da Oliveira e Misericórdia. Quando, pois, recordo gentes da minha rua burguesa, logo paredes meias com ela surgem, no lusco-fusco das recordações, os meus vizinhos do lado.

A' esquerda do meu habitáculo paterno, era a embocadura de Donães. Para lá iam e de lá vinham os carros, a série variadíssima das traquitanas. Lisboa, o sêgeiro, tinha ali sua oficina. Ficava no casarão armoriado dos Almadas. Quando o velho mestre se nos mostrava envergando avental de couro, preso à forja crepitante, era bem um ferreiro ciclópico e legendário. Nariz de cavalete, boca em esgare, desempenado, era uma figura de arte-são, marcante. Aos domingos e dias santos usava coco, dobrão de ouro, roupas superiores. Ouvi-lo falar do seu irmão bispo, era ver iluminar-se-lhe o rosto de orgulho.

— Sabe?!... Meu irmão bispo, vem cá!...

E veio. Foi esperá-lo à estação do Cavalinho, no melhor trem do seu compadre Cosme, o alquilador. A' lança, uma parrelha de cavalos brancos. Na boleia, cocheiro e trintário, de farda e chapéu alto. A ruela de Donães, regorgitou. Ao descer do carro, o purpurado, lançando a bênção ao povoleu, dá o anel a beijar. Sumido no casarão dos Almadas — para o efeito refrescado de cal e limpo do aranhão — o irmão bispo demorou-se por cá uns dias, após o que regressou à sua diocese no ultramar. Na curva dos tempos idos, desapareceu o Lisboa, sêgeiro. As traquitanas recolhiam à sucata. Quanto ao irmão bispo, ninguém mais ouviu falar dele. Tudo foi na voragem. A mesma casa-oficina derrubou-se. Só escapou a pedra de armas da sua frontaria. Está ali na galeria da Sociedade Martins Sarmento.

No friso das autoridades regedorias, — onde brilhavam o Gaspar da cal, o Meira droguista, o Ser'Antoninho Costa Queixo —, Simão Ribeiro passou-lhes a perna. Na pesporencia da sua facha azul e branca, lia-se a letras de ouro: — REGEDOR. Uma frase passa por ser dita ao seu amado chefe político, em momento de afirmação de força: — Senhor João Franco... Nós 'stemos!...

Conclui na 4.ª página.
 A. L. de Carvalho.

Palavras de merecida justiça que ante-ontem proferiu no acto de posse da nova C. A. das Oficinas de S. José Monsenhor Domingos Gonçalves

Rev.º Sr. Prior e demais membros da nova Comissão Administrativa destas Oficinas:

E' com a mais viva efusão da minha alma que, jubiloso e de braços abertos, dou as boas-vindas a V. Ex.ª, em nome da Direcção interna desta casa e de todos estes rapazinhas, a quem se propõem servir e ajudar na sua preparação para uma vida cristã, honrada e feliz.

Muito e muito grato estou a V. Ex.ª, por tão pronta e generosamente se dignarem aceder ao convite que lhes dirigi para, neste momento do render da guarda, tomarem sobre os seus ombros o aliás honroso encargo da administração externa deste estabelecimento, deixado por uma illustre pléiade de homens que, não sem comoção e saudade, vemos abandonar o seu posto, durante seis anos tão brilhantemente ocupado.

Bemvidos sejam, Ex.ªs Senhores, para esta instituição de beneficência, a fim de bem servirem a Deus na pessoa dos seus mais humildes e, por isso mesmo, predilectos filhos, estes orfãozinhos, seguindo na esteira luminosa dos seus illustres antecessores e de tantos outros que, no decurso dos 32 anos e meio da existência destas afamadas Oficinas, com tanto carinho e dedicação a têm elevado ao grau de florescimento e progresso que, a despeito de todas as dificuldades, elas já puderam atingir.

Contem V. Ex.ªs com a fiel colaboração e íntima união desta Direcção interna e, desde já, com o reconhecimento e gratidão perpétua de todos nós.

Ex.º Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado e seus prestimosos colaboradores:

A V. Ex.ª, que se despedem, com infinda saudade para nós, que direi eu? Se os lábios falam do que trasborda do coração, é certo também que, em ocasiões como esta, a língua não é capaz de exprimir o que cá dentro vai. Preferiria a eloquência da mais completa mudez, se a responsabilidade da minha posição e o imperativo da mais impercível gratidão me não obrigassem a falar.

Só duas palavras. Os rastos da sua passagem por esta instituição, que tão caritativa e alevantadamente serviram no período de dois triênios, são tão visíveis e inconfundíveis,

Ex.ªs Senhores, que não há palavras no nosso vocabulário que assaz os possam classificar e enaltecer.

Aos visitantes destas Oficinas de S. José, que nos dão a honra de por aqui passar, bem poderei dizer, a exemplo do Mestre Divino aos emissários de João Baptista: "Vede e admirai", em curto espaço de tempo, a população das pobres crianças socorridas quase duplicou, dos escombros do arruinado convento surgiram novas dependências e amplos salões, instalaram-se algumas escolas profissionais, apetrecharam-se e melhoraram-se todas elas... em suma, um autêntico milagre de ressurgimento e progresso, iniciado devotadamente por Comissões pretéritas, mas heróicamente levado à frente pela benemérita Comissão que agora termina o seu mandato.

E este milagre de caridade e devoção extremas, se o ficamos devendo a todos os illustres membros da Comissão Administrativa cessante, havemos de atribuí-lo com inteira justiça (sem desprimor para os demais, aliás todos absolutamente integrados no meu pensar e sentir), ao seu dedicadíssimo e infatigável Presidente, o grande Amigo e magnânimo Beneficentor destas oficinas, Ex.º Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

Com efeito, a ele se deve, em anos sucessivos, além das suas dadas constantes e avultadas, as subscrições que promovia entre os seus inúmeros amigos e clientes, para se tornar possíveis os melhoramentos efectuados; a ele, os valiosos subsídios do Estado, que pessoal e fervorosamente ia solicitar; a ele, a instalação da nova escola de tecelagem, com teares e matérias primas inteiramente à sua custa, revertendo todas as manufacturas para o vestidário dos internados; a ele, os miúdos e regalias que usufruíam estas pobres crianças nas principais festas do ano, mormente no mês da Colónia Balsear, a expensas suas quase inteiramente realizadas; a ele, a moagem gratuita, durante estes anos, de vinte alqueires de cereal em cada semana, para alimentação do numeroso pessoal...

Mas... para que prosseguir na enumeração de tantas e inesquecíveis benemerências, como se elas se pudessem contar? Relevem-me V. Ex.ªs, por quem são, esta exposição sucinta e desabafo necessário, num fervente preito de justiça

No último dia do ano que findou foi entregue à Cidade, representada legitimamente pela Ex.ª Câmara Municipal, a Praça de Touros que os vimaraneses fizeram construir no curto espaço de cinco dias e precisamente 5 meses antes.

Nesse dia e para solenizar o facto — epílogo de um gesto em que foram numerosos os actos de generosidade, de bairrismo, de dedicação e de amor à Terra — ouviram-se foguetes e acordes musicais e muitas pessoas subiram até junto dos Paços do Concelho, seguindo os passos dos componentes das Comissões das Festas e da Comissão Liquidatária da Praça de Touros, as quais foram depor nas mãos do Presidente do Município o honroso encargo de velar, d'oravante, por aquele Padrão de Trabalho, por aquele monumento que afirmará às gerações vindouras o quanto pode a vontade, quando decidida e forte.

No Salão Nobre dos Paços do Concelho e em nome da Comissão das Festas, o Sr. José Mendes Ribeiro Júnior, seu Vice Presidente, leu o Auto da entrega da Praça, que a seguir vamos deixar arquivado nestas colunas, e o Sr. Dr. Jorge da Costa Antunes fez uma breve reconstituição do fogo que na madrugada do dia 29 de Julho reduziu a cinzas a Praça que então existia, para depois se referir à admirável lição que os vimaraneses deram ao país inteiro.

O Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha disse receber com emoção a Praça de Touros, e louvou calorosamente todos quantos contribuíram para a sua construção.

A sessão terminou entre vivas a Guimarães e novos acordes do Hino da Cidade.

A seguir reproduzimos, na íntegra, o auto da entrega da Praça:

que foi construída com energia e entusiasmo em 5 dias apenas, foi entregue à Cidade.

grandecida, de tal modo que é justo ufanarmo-nos todos pela parte que, grande ou pequena, nos coube na prestação de auxílios, no desempenho de missões ou no exercício de actividades.

São indizíveis, por insuperável dificuldade, a satisfação, a honra, o orgulho com que, em consequência de imposição a que devemos de ceder, nos desobrigámos do encargo, sob todos os aspectos elevado, de justificar, sucintamente, a entrega, que fazemos, ao Município, da Praça de Touros, que passa a ser, daqui em diante, no mais rigoroso e lídimo de designação — a Praça de Touros de Guimarães.

A imposição referida é representada por duplo mandato: — o conferido à Comissão das Festas da Cidade pela Câmara; o conferido à Comissão Liquidatária da Praça por aquela.

Cremos poder afirmar desvanecidos, mas não imodestos, que a ambos foi dado inteiro cumprimento, com escrupuloso respeito por direitos e interesses legítimos e com ardoroso desejo de preservar inteiramente o que era principalíssimo objectivo em vista: — o prestígio de Guimarães.

Excelentíssimos Senhores:

Não temos palavras com que possamos recordar as horas angustiosas, amargurantes, logo seguidas de lufar de esufisante entusiasmo, a que deu lugar o incêndio que totalmente devastou a Praça de Touros, em Julho do ano preste a findar, data para sempre memorável pelo que, a partir dela, e durante escassos dias, se viu de surpreendente, de verdadeiramente assombroso, num maravilhoso espectáculo de energias, de esforços, de vontades votadas ao serviço de uma causa comum.

Não há exagero ao asseverar que nem um só vimaraneses ficou indiferente, nem um só deixou de sentir e viver apaixonadamente aquelas horas de excepcional crepitação bairrista.

Os factos, por tão marcadamente exemplares na sua altíssima representação, transcenderam o âmbito local e tornaram-se num faustoso caso nacional.

Todo o país vibrou conosco e de todos os lados, e por todas as formas, com saliência agradecida para a Imprensa, os merecidos aplausos surgiram, espontâneos, fervorosos, exuberantes.

Deramos a admirável lição de como, na verdade, a união faz a força, e do que os portugueses são capazes quando, postos de banda dissídios e malquerenças, mesquinhas e malentendidos, uns aos outros dão as mãos na exclusiva e superior preocupação de bem servir o Bem Comum.

Não somos nós próprios, vimaraneses, os mais indicados para referir com louvor, aliaz justíssimo, o que cidadãos de Guimarães então fizeram de altruísmo, com extrema dedicação, incansável dispêndio de energias, preocupações e trabalhos contínuos; outros poderão relatar melhor, com pormenores e primores de estilo precisos para o exaltar devidamente, o que teve de belo o modo como foram recebidos os apelos dirigidos à população, da qual não houve uma só classe que não desse representação no anseio de contribuir, desde a primeira hora, para uma obra que a alguns poderia, então, parecer, e certamente pareceu, de impossível realização.

Não faltou porventura quem dissesse «Só um milagre».

Pois bem — o milagre operou-se esplendorosamente!

Se tivéssemos de salientar nomes, referi famos centenas, milhares, e sempre na contingência de, por omissão, praticar injustiças.

De resto, certo é que quantos de qualquer modo contribuíram para a Grande Obra deram a esta o que mais lhe foi possível dar, sem intuito de pessoalmente se engrandecerem — só com o de, na medida das suas posses (físicas, morais ou materiais) contribuírem para o engrandecimento e enobrecimento da nossa Terra.

Excelentíssimos Senhores:

Julgamos que as razões expostas — descontadas as insuficiências provindas do demérito da sua ordenação — acrescidas de muitas outras que, por

A UMA ATLETA

Sê bela, sim, faz por ser bela e forte! A beleza robusta, quanto a mim, vence e desarma a sorte...

Ah! feliz da mulher, feliz daquela que nasce bela ou o consegue parecer...

Ante a beleza dominadora e soberana a própria natureza se entenece e ilumina porque a beleza, mesmo a beleza humana, tem centelha divina!

Ante a beleza amaciam-se as pedras do caminho, os tojos são de arminho... e até a desventura e a incerteza se tornam menos agressivos... não que a beleza, às vezes, realiza milagres!

...Mas no campo moral há outras perfeições! Faz também por ser calma, por ser justa e leal... A suprema beleza, não tenhas ilusões, é a da alma...

Sobretudo, sê franca, sê bondosa!

Que a tua alma formosa no teu corpo gentil seja alvíssima cecém, a flor de abril sempre viçosa, realçando na haste...

Que ela seja — ouve bem! — a gema preciosa num precioso engaste...

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

GUIMARÃES CONTRASTES!... LISBOA E SETUBAL

e a génese de Portugal

Sendo considerada Guimarães a cidade berço da Pátria, o baluarte da autonomia nacional; e partindo do seu Castelo altaneiro o advento da nacionalidade portuguesa, embora já expresso muitos anos antes no ânimo lusitana, quer na vontade ilimitada dum Povo em tornar realidade plena a génese da formação do nosso País, quer no auxílio persistente que a Igreja dera à causa da emancipação pátria (o que nunca é oúso afirmar, posto que inúmeros dados históricos iriam comprovar a nossa afirmação), — por tudo isso, apraz referir-me, nas colunas dum jornal vimaranense, à génese da nossa nacionalidade, ao problema mais culminante da nossa His-

tória e um dos mais sujeitos a controvérsias, heterogeneidade de juízos e dissemelhança de opiniões.

Escusado seria frisar que a explicação histórica do advento dum País não poderá radicar-se num só factor e numa só causa. Consequentemente, teremos de buscar, no tocante a este pormenor, a resultante de muitas forças, de diversas causas e factores caminhando para a mesma *vontade colectiva*, como os preceitos religiosos, éticos e morais, racionais, a causa mesológica, os princípios linguísticos, as afinidades idiomáticas, o factor económico, os dados da psicologia e da sociologia, mas, acima de tudo — e como corolário ou resultante de todo este emaranhado de causas e factores — a viva ambição dum Chefe, o rasgo cheio de epopeia dum predestinado.

Inúmeras teses, inúmeros argumentos tentam explicar a génese de Portugal, mas, na sua quase totalidade, todos enfermam de unilateralismo em matéria histórica, pela exclusão de factores que merecem a sua devida referência.

Não nos vamos alongar com as teses de Oliveira Martins ou Sardinha, para o primeiro sendo de desintegração do todo, do bloco peninsular fruto dum *mero acaso*, ou para o segundo, procurando a independência pátria «já no fundo das noites geológicas»...

Herculano conclui que pouco de comum há entre a velha Lusitânia e o Portugal nascente, mas Mendes Correia, em contrapartida, indo buscar os dados das pesquisas arqueológicas, da antropologia e etnologia, baseando-se nos pacientes estudos de Martins Sarmento que pôs a descoberto os castros de Briteiros e Sabroso, do saudoso Virgílio Correia, Amorim Girão, Eliseu Réclus e Hermann Lautensach (para só citar os principais), dá-nos uma interpretação mais aceitável e lógica quanto a génese de Portugal.

Do ano de 841 existe um documento que é valioso contributo para a História de Portugal. «*Fotins Gallæcia seu Portucalensi Provinciae* sumum suscipiat Præsulatum»...

Assim, e como conclui Manuel Ramos, já em 841 as expressões *toda a Galiza e Provincia Portucalense* eram sinónimas, mas terá de interpretar-se neste caso o seu latim como disjuntivo e não como acepção copulativa. O que é certo é que, baseando-nos num documento de 938, pela primeira vez citado por Paulo Merea, Portugal deve o seu nome a *um velho burgo* junto da *foz do Douro*. Parece sustentável que em 1097 já estava definitivamente constituído o Condado Portucalense, posto que dois anos antes casara o Conde D. Henrique com a filha bastarda de Afonso VI, D. Teresa.

Em 1139, e ainda segundo um documento posto a descoberto pelo mesmo Prof. Paulo Merea — Afonso Henriques intitulava-se pela 1.ª vez *rei dos Portugueses*.

Assim, para Damião Peres, só então surge «com precisão de contornos, a figura excelsa da Pátria».

Contudo, a figura excelsa da Pátria, na precisão de todos os seus contornos (servindo nos mais uma vez das palavras de Mestre Damião Peres) terá, isto é, uma verdade iniludível, de ir buscar-se a 1128 — à Batalha de S. Mamede, ou mesmo dois anos antes, quando do Afonso Henriques se arma a *si próprio cavaleiro*. Este gesto, por si só, é deveras significativo.

Quando ao local onde se travou a batalha de S. Mamede, também há heterogeneidade de opiniões, dada a insuficiência das fontes narrativas. Parece ter sido travado quase junto aos muros do Castelo — bastião da nossa independência, marco basilar no nosso ciclo histórico — e não nos campos de Aldão ou no vale de S. Torcato.

O erudito investigador vimaranense, João de Meira, dá-nos valioso contributo quanto a este passo da nossa História.

Números que falam!

Na quadra do Natal — mais do que em qualquer outra do ano — praticam-se em larga escala os actos de beneficência, quer por intermédio da iniciativa oficial, quer no meio da iniciativa particular. Nos maiores e nos mais pequenos centros populacionais, os pobres são contemplados com alimentos, com roupas, com dinheiro, etc., verificando-se que estes existem em toda a parte e que, infelizmente, se contam aos milhares! E, portanto, através desses actos de Caridade, que se fica a saber que a pobreza constitui, sem dúvida, um flagelo social, embora em menor percentagem em certos países do que noutros. Quanto a Portugal, essa percentagem é ainda muito conflagradora, não obstante as medidas que têm sido tomadas no sentido de a fazer descer para um nível inferior. Segundo as notícias transmitidas pela Imprensa do país, foram socorridos muitos pobres nesta quadra do Natal, mas a verdade é que o Natal aparece uma só vez no ano e os pobres precisam de comer todos os dias e de vestir uma camisa lavada de vez em quando. Isto quer dizer que se trata de um problema muito sério e muito delicado, para a solução do qual a iniciativa da generosidade particular deverá colaborar, auxiliando, assim, a iniciativa do próprio Estado. O problema da Assistência — e falando desse problema queremos referir a todas as modalidades assistenciais — só poderá ser resolvido com di.heiro, visto que, sem esse factor, não haverá outro meio de o considerar solucionado. Há problemas nacionais cuja solução se poderá obter com relativa facilidade, mas o da Assistência é mais exigente: — exige dinheiro, mas dinheiro em abundância! Em face de tudo isso, mais necessária se torna ao Governo da Nação a colaboração das pessoas e entidades particulares para que a Assistência no nosso país venha a ser modelar. Se assim for, isto é, se àquilo que já existe se juntar o que falta, os portugueses poderão, então, orgulhar-se da Obra que praticaram. E antes de finalizarmos estas breves considerações, desejamos testemunhar ao digno Chefe deste Distrito, Ex.^{mo} Sr. Major Armando Nery Teixeira, o nosso apreço e a nossa simpatia pela acção que desenvolveu através de todo o nosso Distrito, a fim de que os seus pobrezinhos tivessem um Natal sem a escuridão das trevas de uma vida verdadeiramente atribulada. Bem haja Sua Ex.^a por ter tomado tão simpática iniciativa e, bem assim, bem hajam suas Ex.^{mas} Esposa e Filha, que muito contribuíram para o bom êxito dessa generosa Cruzada de Amor pelos infelizes.

Para começar o ano Na transmissão de haveres do Velho para o Novo Ano,

também há heterogeneidade de opiniões, dada a insuficiência das fontes narrativas.

Para começar o ano Na transmissão de haveres do Velho para o Novo Ano,

também há heterogeneidade de opiniões, dada a insuficiência das fontes narrativas.

Para começar o ano Na transmissão de haveres do Velho para o Novo Ano,

também há heterogeneidade de opiniões, dada a insuficiência das fontes narrativas.

Para começar o ano Na transmissão de haveres do Velho para o Novo Ano,

também há heterogeneidade de opiniões, dada a insuficiência das fontes narrativas.

Para começar o ano Na transmissão de haveres do Velho para o Novo Ano,

também há heterogeneidade de opiniões, dada a insuficiência das fontes narrativas.

Para começar o ano Na transmissão de haveres do Velho para o Novo Ano,

também há heterogeneidade de opiniões, dada a insuficiência das fontes narrativas.

Para começar o ano Na transmissão de haveres do Velho para o Novo Ano,

também há heterogeneidade de opiniões, dada a insuficiência das fontes narrativas.

Para começar o ano Na transmissão de haveres do Velho para o Novo Ano,

deverá ter sido com a maior repugnância que aquele transmittiu para este a famosa Carroça do Correio, contra a qual a Imprensa e a opinião pública vimaranenses têm disparado as maiores descargas de protestos, próprios de quem se sente altamente humilhado com a exibição da maior e da mais degradante e impertinente vergonha de que é vítima a população desta cidade. Porém, os anos passam e a carroça continua! O mesmo não aconteceu na cidade de Viseu, nesse sentido mais feliz do que a de Guimarães, pois o ano findo encarregou-se de liquidar a carroça *congênere* da de cá, assunto a propósito do qual alguma Imprensa publicou o seguinte:

«HISTÓRIA DE UM CAVALO

VISEU — Não se trata de paródia ao conto de Tolstoi: O caso é sério, embora com certo sabor talentoso. Nem sequer, como às fábulas melhores, falta sentido moralizador.

O Sr. Almeida, a cargo de quem tem estado o transporte das malas do correio dos Caminhos de Ferro para a Central dos C. T. T. e vice-versa, nesta cidade, andava desejoso por ver tal contrato rescindido. Não ganhava, para a fava que o macho, fiel e paciente, vinha comendo no estenuante esforço de ir a os quatro combóios correios diários.

Ora, desde 13 do corrente, os C. T. T. passaram a usar uma fourognete naquele serviço. Rejubilou o Sr. Almeida mas o mesmo parece não ter sucedido ao ruminar, pois quando aquele se preparava para arranjar novos afazeres, foi encontrar morto o animal, que sempre se mostrava senhor do seu «prestígio», habituado a ir à frente do correio-álma, pensamento, fortuna e afectos de uma cidade inteira.

E' natural que o cavalo a que se segue esta «história» tenha morrido de desgosto por ter deixado a sua vida habitual, mas outrotanto não sucederá ao de cá, pois este está sujeito a morrer de desgosto por andar atrelado a um meio de transporte tão indecente e, ainda, por contribuir para a justa indignação de toda a cidade de Guimarães perante semelhante afrontosa miséria!

Veremos o que fará o 1948.

BOAS-FESTAS

Tiveram a gentileza de endereçarem-nos telegramas e cartões de Boas-Festas, o que com os nossos agradecimentos gostosamente retribuímos, mais os nossos bons amigos Srs.: D. Apolinar Portela Gonzalez, Inspector da Polícia de Vigo; José Simões, do Funchal; Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, Carlos Alberto Cardoso, chefe da P. S. P. Francisco Correia, Manuel de Castro, do Pevind; Heitor Bastos Cordeiro, de Lisboa; Tenente Ernesto Moreira dos Santos, Dr. Alberto Ribeiro de Faria, Poeta Jerónimo de Almeida, D. Antónia Teixeira Mendes Duarte, proprietária da acreditada Pensão Império e marido Sr. Domingos Duarte, Fernandes & Guimarães, Ltd., do Porto; Simão Guimarães, Filhos, Ltd., idem; P.^o António Pires Quesado, da Póvoa de Varzim; Manuel Salgado Gonçalves, de Caldas de Saúde; Dr. Avelino Leite de Faria, José Ramos Camião, Manuel Alves de Oliveira, João de Araújo, Comissão Central Administrativa da L. C. G. G., Pedro Gonçalves, do Porto; Camilo de Sousa e Silva, de S. Nicolau; D. César Prieto Rodriguez, Comissário Chefe do Corpo de Polícia de S. Tiago de Compostela; Francisco Vilarinho, de Lisboa; Dr. Manuel Jesus de Sousa, Tenente Manuel Peres, Dr. Alberto Ribeiro Jorge, José Lopes Mota, de Lisboa; Poeta Delfim de Guimarães, nosso distinto Colaborador; Dr. Alfredo Peixoto, José de Sousa Roriz, Alberto Augusto Pinheiro, Associação das Senhoras de Caridade da freguesia de N. S.^a da Oliveira, Comendador Artur Cupertino de Miranda, do Porto; David dos Santos Oliveira, Chefe da Estação do C. de Ferro da Senhora da Hora.

Guarda-Livros

Oferece-se, novo, activo e habitado para comércio ou indústria de razoável movimento, ou ajudante para grande empresa. Dá todas as referências que sejam necessárias.

LISBOA E SETUBAL vistas de bem alto num «Constellation»

O vôo do potentíssimo «Constellation» à velocidade normal de 500 quilómetros à hora, com 44 passageiros, os tripulantes e pilotos e com os seus 4 potentes motores de 2.500 c. v., e a beleza imponente do seu conjunto, sobre Lisboa e arredores, foi de uma segurança imbecível e deu-nos a visão de panoramas e de paisagens excelentes, pouco desvendadas de bem alto e de quilométrica altura. Sobrevoando o campo da Portela de Sacavém o aparelho flecte em direcção ao Tejo, deixando a capital perdendo-se nos longos do horizonte e na rinda verde-cinzenta dos campos e dos montes, como num variegado xadrez de cores que o Sol embeleza e decora.

Toda a cidade se desnuda de bem alto e os detalhes e as nuances marcam enfeites de colorido e a policromia de um conjunto urbano compacto, intercalado pela cabeleira verde, despendeada dos jardins e dos parques. O Tejo, numa dormência quase crepuscular e em lucilações e tremuras de ondas, espria-se como um lago que as luzes espermódicas beijam em coloridos oirescentes como se uma mão sortilega os desenhasse. Num instante sobrevoamos o Barreiro, à esquerda Montijo, Alcochete e Atalaia e o Seixal, e obliquando por Coina, onde o rio tem nervosas refulgências e bizarras caprichosas e óptimas de lagoas espelhanças, estamos sobre Setúbal e seus arredores napolitanos. A cidade sadina em curva alfângica, onde o Sado, num entremeio verde-branco borda toda a costa de Troia e a margem do rio em debruns de renda marinha, tem, do alto, um aspecto maravilhoso. O Outão com a sua fortaleza, a Arrábida e o convento, a serra franciscana de frei Agostinho da Cruz, a estrada sobre a serra, Palmela com castelo milenário e a vila moirisca enroscada em sua volta como uma snitana indolente e ciumenta são, nesse caleidoscópio de instantes, visões de um panorama único de arranjo cénico e de beleza decorativa. A paisagem pinta-se a si própria nesse painel sadinense, bordado pelo oceano azul e pelo Sado com «nuances» de colorido sorrentino. A tarde adormece sobre as coisas, os montes, os contornos diluídos, e veste os rios de oscilações dormentes. O «Constella-

ção», a grande altitude e à enorme velocidade dos seus 4 motores, decreve um círculo de bem alto sobre esse cenário que por vezes lembra fundos de Veroneso, afagados por uma luz oceanica e ocidental.

AS FESTAS DA CIDADE e a construção da PRAÇA DE TOUROS

Recebemos o seguinte officio: ... Sr. Director do Jornal «Notícias de Guimarães» GUIMARÃES.

A extraordinária repercussão que teve em todo o País a reconstrução da Praça de Touros de Guimarães, milagre de trabalho e bairrismo, foi devida, muito especialmente, ao relevo que a Imprensa, desde a primeira hora, deu a todas as fases da sua reconstrução.

Até hoje, e apesar de decorridos já cerca de 5 meses, nenhum tributo de gratidão lhe foi prestado, devido e justo, pois só por seu intermédio foi possível tornar conhecido de todos os portugueses a grandiosidade do esforço dispendido.

A Comissão nomeada para proceder ao apuramento e liquidação de contas com a sua reconstrução, trabalhando embora com a maior vontade, só agora pôde dar por findos os seus trabalhos.

Vai a Praça ser entregue, conforme vontade do Povo que a levantou, à Câmara Municipal.

Antes, porém, a Comissão das Festas da Cidade e a Comissão Liquidatária, querem por este meio apresentar a V. ... os protestos da sua muita gratidão pelas atenções e relevantes serviços prestados a Guimarães pelo jornal que V. ... tão brilhante e inteligentemente dirige.

Guimarães, 29 de Dezembro de 1947.

Pela Comissão das Festas da Cidade,

(a) José Mendes Ribeiro Júnior.

Pela Comissão Liquidatária,

(a) António José Pereira Rodrigues.

N. da R. — Cumpre-nos agradecer o officio recebido e, na parte que nos cabe, as elogiosas referências feitas à Imprensa. O que fizemos — pouco ou muito — foi em obediência a um dever imperioso que sempre se nos depara quando temos de aplaudir e acarinhar causas justas e nobres e consola-nos o reconhecer-se que alguma coisa fizemos em prol da Terra, na altura em que todos procurámos esforçar-nos para atingir um objectivo.

Os vales e os montes cobertos de casario cinzento

Um nimbo de luzes, de cores e de fusões óptimas da paisagem, com o céu e as cobras cristalinas dos dois rios Tejo e Sado, dilui-se sobre a linha demarcante dos horizontes sem fim. Um apaziguamento invade a natureza.

Agora a curva de alfange de Troia junto do oceano fecha-se com a foz do rio e vai até Sines, com a nostalgia e semelhança das costas argelinas, irmãs gémeas dela e do seu silêncio isolado.

Um embevecimento. Mas tudo dura instantes e a aeronave, num último círculo, desliza vertiginosamente sobre os campos da margem sul e divisa-se outra vez Palmela, com a caveira descarnada do castelo, os campos de Azeitão e o espectáculo sem par dos rios Sado e Tejo desaguarrem quase paralelamente no oceano, conjunto de três águas diferentes e de três cores fundidas numa única, de verde cinzento e verde-foncê, uniforme e extensíssimo.

A grande altitude dá às coisas e à natureza uma imprevisita transfiguração. A recta do itinerário sobrevoa mais uma vez o Barreiro, as fábricas da União Fabril onde o fumo espirala e todo o estuário do rio camoneano se espria em distâncias de mar intermínio, que as localidades ribeirinhas decoram com os botes e faluas.

Lisboa ressurge, com os vales, os montes, cobertos de casario cinzento com a massa arquitectural dos grandes edificios e dos bairros novos, semi-circulares e simétricos. O Areeiro é a despedida do vôo Como a grande altitude embeleza e dá às coisas sensações visuais e diferentes!

Impecavelmente o «Constellation», o vertiginoso e potentíssimo «Lockheed de Ouro» decreve uma espiral lenta e o campo da Portela está a dois passos. A viagem de ida a Setúbal foi de quatro a cinco minutos e tod esse passeio experimental do soberbo aparelho da K. L. M. durou o instante incontável de trinta minutos. Em tão pouco espaço de tempo a retina, como fixadora de instantes, pôsou com intervalos rapidíssimos sobre os mais imprevisitos panoramas: rios, montes, vales, cidades, o oceano, o polptico dos campos cor de estameña e a cor esmeraldina e cantante dos prados entremeados pelos terrenos de lavoura. Chegados somos!

Assim toda a vertigem desse passeio de altitude só é compreendida, quando nosso pé se seguram de novo à superfície da terra. Voar foi sempre um renovo de sensações, um baptismo dos sentidos!

Correio da Costa.

Exposição de trabalhos para os pobres

No estabelecimento dos Srs. Jordão & Filhos, ao Largo Prior do Crato, encontram-se desde ontem expostos numerosos trabalhos que foram confeccionados pelas Senhoras que constituem a Associação das Senhoras de Caridade da Freguesia de N. S.^a da Oliveira, revertendo o produto dos mesmos, que vão ser vendidos, a favor dos pobres da mesma freguesia que são amparados pela benemérita Conferência de S. Vicente de Paulo.

Louvores merecem as caridosas senhoras por mais este simpático gesto em prol dos infelizes.

Exposição de desenhos

ZÉ MANUEL, um novo cheio de talento, vem a Guimarães realizar uma exposição de desenhos na sala da Junta de Turismo, devendo a mesma inaugurar-se amanhã, pelas 14 horas.

Serão expostos muitos trabalhos que bem nos vão revelar a sensibilidade artística do expositor ao qual desejamos as maiores prosperidades.

Vende-se Uma encaretadeira de 60 fusos. Informa-se na nossa Redacção.

Joaquim Martins Lima.

730

FUTEBOL

Numa partida sem brilho, o Vitória de Guimarães bateu o Vitória de Setúbal por 3-1.

O jogo disputado no dia de Ano Bom no Campo da Amadora, entre os Vitórias de Guimarães e de Setúbal, não forneceu aquela emoção que costuma caracterizar estas competições. As equipas, em tarde de pouca inspiração, proporcionaram partida monótona, espectáculo pobre, que quase só valeu pelo trabalho das duas defesas, únicos sectores onde se actuou com acerto, e pela vontade patenteada pelos locais em obter o triunfo, que muito demorou a aparecer.

O nosso representante começou o jogo de maneira a dar a impressão que iria exibir-se agradavelmente, mas após três ou quatro bons ensaios de chutes à baliza, que causaram pânico nos setubalenses, entrou a baralhar-se, a afundar-se nos sectores médio e ofensivo, insistindo irritantemente em conduzir todo o jogo pela ala esquerda, onde José Maria se mostrava inofensivo e Alcino e Teixeira estavam apertadamente vigiados. O Vitória

de Setúbal, que começou precoce, foi ganhando ânimo, e pôde então equilibrar a partida, obtendo aos 44 minutos, por intermédio de Armando, o único tento desta parte.

Na segunda metade os vimeiranos espiçados pela desvantagem do tento sofrido, entraram a jogar com mais decisão e melhor sentido, tendo o Franclim, que na primeira parte foi esquecido pelos companheiros, trocado por Miguel, que muito esforçado mas não menos infeliz, vinha comprometendo bastante a equipe. A permuta deu resultado — e só foi pena que se não tivesse mantido, porque dentro em pouco voltavam à primeira forma — pois Franclim, que desempenhou o ataque, marcou, de cabeça, aos 5 minutos, o tento do empate, para dois minutos depois Brioso pôr o marcador em 2-1. Os setubalenses foram replicando sempre, mas sem grande convicção, pois o seu ataque mostrou-se impotente para decidir as coisas a seu favor na zona de golo, onde chegou várias vezes. Aos 28 minutos Brioso voltou a marcar, terminando com 3-1, a favor dos locais, a partida que bem pouco valeu tecnicamente. Apesar disso, o triunfo do Vitória foi justo, pois apareceu como prémio da equipe que se mostrou mais ameaçadora e que de maneira geral melhor actuou.

A arbitragem de Vale Ramos, de Aveiro, esteve bem.

Por vários motivos era nossa intenção não aludir à formação que o grupo local apresentou, mas não resistimos a dizer que ela nos surpreendeu desagradavelmente, e o decorrer da partida deu-nos razão a tal respeito. Como felizmente o barco chegou a porto de salvamento, vamos a emendar mão...

Sobretudo — lugar aos novos!...

Os grupos formaram:

Vitória G. — Machado, Curado, Costa, Luciano, Garcia, José Maria, Franclim, Miguel, Brioso, Alcino e Teixeira.

Vitória S. — Baptista, Ameixa, Montez, Figueiredo, Pina, Primo, Campos, Rendas, Armando, Cardoso Pereira e Joaquim.

J. G. F.

MEIOS DE TRANSPORTE

A firma Oliveira, Fernandes & Ribeiro, Limitada, com sede em Felgueiras, conforme editos publicados no Diário do Governo, III Série, n.º 297 de 22-12-1947, requereu uma concessão de carreira entre Guimarães e a cidade de Penafiel, passando por Urgeztes, Santo Amaro, Polvoreira, Ronca, Vizela, Senhora dos Milagres, Pousada, Barrosas, Santa Margarida, Lousada, Novelas e estação do Caminho de Ferro de Penafiel.

Tal concessão, vai servir inúmeras localidades desprovidas de meios de transporte, que necessitam deslocar-se para os que precisam de as efectuar, com ligações ou transbordos para outras carreiras de camionetes ou para o caminho de ferro em Penafiel, Vizela ou Guimarães, visto não fazer sentido que nos tempos actuais haja localidades, muitas delas sedes de freguesia, isoladas de meios de comunicação.

Desta forma e como é intuito daquela firma bem servir as populações, de esperar é que seja deferida a sua pretensão.

PRECISA-SE

Guarda-Livros ou bom empregado de escritório que saiba tratar de Caixas de Previdência, Sindicatos, etc.

Dirigir-se a Augusto Luciano Guimarães — Rua Trindade Coelho, 102 — GUIMARÃES. 729

Aspectos do Porto de Cultura Musical

Os ceguinhos que cantam e tocam de rua em rua são bem numerosos na Invicta. A maior parte deles é explorada por gente válida que prefere a ociosidade ao trabalho. Os ceguinhos precisam de um guia, de facto, mas muitos têm, desnecessariamente, dois e três indivíduos a guiar-lhes os passos, a acompanhá-los à guitarra ou violino, somente para viverem como meros parasitas explorando a desventura alheia, o público, e dando ganhos aos taberneiros. Poderia citar muitos exemplos de exploração, de miséria moral a par da material, dos guias de cegos e, até mesmo, da família destes. Mas limito-me a focar um caso como exemplo dessa exploração, dessa miséria.

Não longe da rua onde habito, dormem num vão de umas escadas, a troco de 90\$00 mensais, uma ceguinha com o marido e um filho. São novos ainda, e passam os dias a mendigar de rua em rua, de taberna em taberna. O filho, criança ainda, virá, mui possivelmente, a ser um inútil, um vadio, como o pai. E digo inútil, digo vadio, porque esse homem, válido como é, em vez de exibir a desdita da mulher na mira de colher uns cobres que, quase sempre, reverterem em vinho, deveria trabalhar, com brio e dignidade, e procurar eferecer à mulher tanto conforto quanto possível. O problema deste casal e daquela criança é, como aliás tantos outros, bem sombrio mas não de difícil solução desde que, oficialmente, se organize um serviço que obrigue os vadios a trabalhar e dê aos inválidos o suficiente para viver sem que recorram ao acto de mendigar que, repito, deprime o indivíduo que pede e que dá.

Isaura Correia Santos.

Beneficência do «Notícias»

Transporte 2.600\$00
Dr. Augusto Luciano Guimarães em sufrágio da alma de sua filha Maria Bernardina, cujo aniversário do falecimento passou em 29 de Dezembro 50\$00
A transportar 2.650\$00

Contemplamos com aquela importância alguns nossos protegidos em nome dos quais agradecemos.

Sociedade Columbófila de Guimarães

Reunião da Assembleia Geral em 4 de Dezembro de 1947

Constituída a Mesa pelos Srs. Domingos A. Ferreira, João S. Neves e Abílio R. Forte, foi aberta a sessão pelas 22 horas.

Lida a acta da sessão anterior, que foi aprovada, deu-se entrada à Ordem da Noite. Contas apresentadas e aprovadas por unanimidade. Seguidamente, pelo Sr. Presidente, foi dito que era de sua opinião, que 50% do saldo existente, fosse aplicado na aquisição de novas cestas e no concerto das existentes, proposta esta que foi aprovada por unanimidade. Pelo Sr. Presidente foi exposto que as cotizações fossem elevadas para 5\$00 mensais, dadas as grandes dificuldades com que actualmente luta a sociedade, em virtude do pouco número de associados, proposta que foi aprovada por unanimidade, tendo também apresentado a proposta seguinte: Todos os associados que não legalizassem a sua situação até ao fim do mês de Janeiro de 1948, seriam automaticamente irradiados — proposta esta que foi aceita.

Seguidamente foi posta em aprovação a chapa dos corpos directivos para o próximo ano, tendo sido eleitos os seguintes senhores:

Comissão Administrativa — Presidente, Domingos Alves Ferreira; Vice-Presidente, Ricardo Vieira Amorim; 1.º Secretário, João de Sousa Neves; 2.º Secretário, Abílio Ribeiro Forte; Tesoureiro, Rafael José de Carvalho.

Conselho Técnico — Presidente, Benjamim Ferreira; 1.º Secretário, Manuel Leite Pereira; 2.º Secretário, José A. Milhão; Vogais: António Amorim e Alberto M. Martins.

Como é já do conhecimento dos nossos leitores, vem a Portugal a Grande Orquestra Sinfónica de Paris (Orquestra Colonne) que em Guimarães dará, para os sócios desta Delegação, o terceiro concerto desta temporada, no próximo dia 10 do corrente, no Teatro Jordão.

Trata-se evidentemente de um acontecimento inesquecível na nossa vida cidadã, pois é a primeira vez que um agrupamento estrangeiro, tão numeroso, nos visita, agrupamento que reúne uma centena de notáveis professores, sob a direcção do grande maestro Paul Paray.

A Orquestra Colonne tem uma admirável tradição em França, exibindo-se periodicamente em Paris, na sala de concertos Chatelet, sob a direcção do Maestro Paul Paray que a orienta desde 1932.

Este notável Maestro, que é igualmente um compositor de elevado mérito, autor da célebre Missa composta para comemorar o 500.º aniversário da morte de Joana d'Arc, de três belíssimas sinfonias, etc., esteve já em Portugal onde regeu a nossa Orquestra Sinfónica Nacional e onde obteve um assinalado êxito, sendo considerado pela crítica um dos maiores chefes de orquestra da actualidade.

A vinda a Portugal de um agrupamento desta elevada classe constitui, na verdade, motivo de grande orgulho para o Círculo de Cultura Musical, que não obstante os pesados encargos, a nada se furta para prestigiar este organismo, que tão relevantes serviços tem prestado à cultura musical portuguesa.

A sua vinda a Guimarães constitui um arrojado esforço da nossa Delegação. É ainda tempo para os vimeiranos cépticos ou descuriados se inscreverem como associados, dando assim a sua colaboração a um empreendimento que tanto honra a nossa cidade.

As inscrições fazem-se no Turismo, onde serão prestados todos os esclarecimentos.

Damos em seguida a continuação da lista dos associados da Delegação vimeirana:

D. Maria da Glória da Silva Costa, Artur Manuel Soutoalho, D. Maria da Glória Soutoalho de Faria, D. Amélia de Sousa Vaz Vieira, José da Costa Santos Vaz Vieira, Fernando Augusto Flores de Matos Chaves, D. Maria do Céu Lopes Matos Chaves, D. Laura de Matos Chaves Gonçalves, Dr. Francisco Pinto Rodrigues, D. Branca Rodrigues, D. Madalena Barreira Pereira, Gualdino Pereira, D. Maria Oliveira Almeida, Dr. António de Jesus Gonçalves, Armando Paúl, José Xavier Matos Guimarães, Dr. Mário Dias Pinto de Castro, Rodrigo de Menezes da Silva Basto, D. Maria de Lourdes Couto Vieira Osório, Adalberto Feio Soares de Azevedo, D. Maria Manuela Passos de Oliveira Feio, Manuel Mendes de Oliveira, D. Maria Passos de Oliveira, Francisco Ramos Martins Fernandes, D. Maria Zulima Pimenta Martins Fernandes, D. Graziela Cerqueira Machado Leite de Almeida, José Maria Pinto e Almeida, Diamantino Augusto Mourão, Dr. Alfredo Bravo, D. Fernanda de Freitas Bravo.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 6, os nossos prezados amigos srs. Luis Correia de Sousa Areias, conceituado industrial; Agostinho Dias Pinto de Castro, António Abreu e Alvaro Neves de Castro e a sr.ª D. Emília da Costa Barrosas; no dia 7, o nosso prezado amigo sr. P.º Luis Gonzaga da Fonseca, ilustrado Prior de S. Paio e a sr.ª D. Felícia de Castro Gomes da Cunha Machado, esposa do nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado; no dia 8, o nosso prezado amigo e illustre clínico sr. Dr. João António de Almeida; no dia 9, as sr.ªs D. Dulce Andrade da Silva Carvalho e D. Maria da Conceição Teixeira de Aguiar Freitas; no dia 11, o sr. Capitão João Gomes de Abreu Lima.

— Também fez anos no dia 28 de Dezembro a sr.ª D. Maria Margarida Lobo Neves Pereira.

«Notícias de Guimarães», apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Casamento

No Santuário Eucarístico da Penha, consorciaram-se ultimamente o sr. Anade Moreira Gomes, filho do estimado industrial em Gandariva e nosso prezado amigo sr. António Moreira Gomes e da sr.ª D. Luzia Coelho Gomes Faria, com a sr.ª D. Isaura Dias de Freitas, proprietária da freguesia de Lordele, filha do sr. Francisco Dias de Freitas, já falecido, e da sr.ª D. Rosa Faria Coelho de Freitas. Puramente por parte do noivo sua irmã e madrinha a sr.ª D. Rosa Moreira Gomes e seu pai, e por parte da noiva

O Natal dos nossos Pobres

Para o Natal dos nossos pobrezinhos recebemos mais os seguintes donativos:

Transporte (a)	14.710\$00	Manuel Pinto de Carvalho	10\$00
Um Vimeirano resi- tente no Porto	50\$00	João Rodrigues Martins da Costa (Aldão)	30\$00
Alberto José Passos de Oliveira	100\$00	D. Rosa dos Remédios Cardoso, sufragando a alma de seu tio, Sr. Jú- lio António Cardoso	20\$00
J. M.	100\$00	Francisco de Assis Per- reira Dantas	20\$00
Alberto José Ribeiro	20\$00	Abílio Martins	10\$00
José Maria de Azevedo Nunes	20\$00	Telémaco João Rodrigues Vaz	10\$00
Manuel Ramos (S. Tor- cato)	50\$00	Dr. Alberto Pita da Costa João Gualdino Pereira, Sucrs.	20\$00
Major António J. T. Mi- randa	10\$00	José Miranda	20\$00
António Gonçalves Fer- reira (Rio de Janeiro)	500\$00	Comandante da P. S. P., Tenente Manuel Peres, Manuel de Lemos Pinhei- ro (Pevidém)	200\$00
António Guise, pela con- servação da preciosa existência de uma pes- soa amiga	10\$00	José Braz Dourado (Rio de Janeiro)	200\$00
Idem em sufrágio da al- ma de um seu grande amigo	10\$00	António Augusto Ferreira (Feigar)	10\$00
P. B.	50\$00	Dr. João Aires de Aze- vedo (Aveiro)	20\$00
Sindicato Nacional dos Caixeiros	100\$00	Albano Martins Coelho de Lima — Pevidém	100\$00
D. Maria Carolina Ma- chado da Silva	50\$00	Total	16.830\$00
D e B	50\$00		
A. F.	20\$00		
A. Esteves	20\$00		
António José Lopes Cor- reia, F.ºs — Pevidém	50\$00		
José Pinto Pereira de Oli- veira	20\$00		
Joaquim Salgado Guim- arães	40\$00		
Oscar Pires	50\$00		
Benjamim Pereira Caldas António Alves Ribeiro Gomes de Abren Rodrigo da Costa Car- neiro	20\$00 20\$00 20\$00		

Teatro Jordão HOJE, às 15 e às 21 horas

Apresenta: Cartas de Amor

Um filme padrão do sofrimento humano. Um drama viril de amor e sofrimento, com: JOSEPH COTTEN, JENNIFER JONES, ANN RICHARDS e CECIL KELLAWAY.

Terça-feira, 6, às 15 e às 21 horas: A VINGANÇA DO CORSÁRIO NEGRO

Filme de combates navais! Abordagens! Duelos!

Quarta-feira, 7, às 21 horas: O Estrangulador

JUNE DUPREZ e MICHAEL ST. ANOEL, em:

Sexta-feira, 9, às 15 e às 21 horas: NÃO PASSOU DUM DEVANEIO

o sr. Silvério Dias de Freitas e sua esposa.

Foi celebrante o Rev. Abde de Lordele, acolitado pelo Rev. Reitor de Neopereira, e conduziu as alianças o menino Abílio Pimenta Gomes, sob-inho do noivo.

Aos noivos, desejamos as maiores felicidades.

Pedido de casamento

O nosso prezado amigo e estimado proprietário sr. Júlio Pereira de Felgueiredo pediu em casamento para o nosso bom amigo sr. Telémaco João Rodrigues da Cunha Vaz, filho do sr. Joaquim da Cunha Vaz e da sr.ª D. Aurélio Rodrigues, a gentil menina Margarida Rolandina de Freitas Guimarães, filha do nosso bom amigo sr. Heliodoro de Freitas Guimarães, chefe da Estação dos C. de F. desta cidade, e do sr.ª D. Lucinda de Jesus Felgueiredo Guimarães, devendo realizar-se em breve o auspicioso enlace.

Aos noivos, desde já desejamos muitas venturas.

Partidas e chegadas

Estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos srs. Dr. Correia da Costa, nosso illustre colaborador; Coronel António de Quadros Flores, Américo Pinto Bastos, P.º Arlindo Ribeiro da Cunha, distinto professor do Seminário de Braga e P.º António de Sousa Oliveira Guimarães, ilustrado abade de Freiriz, Vila Verde.

— Deu-nos há dias o prazer da sua visita o nosso amigo sr. António Maria Baldaque de Oliveira Lobo, do Porto.

— Tem estado nesta cidade a nossa conterrânea e illustre colaboradora senhora D. Maria José Ribeiro Vilas Soares.

— Estiveem em Lisboa onde foram passar as festas do Natal e Ano Novo o nosso prezado amigo sr. Prof. Abel Santos, do Porto e sua esposa a nossa illustre colaboradora senhora D. Isaura Correia dos Santos.

Doentes

Tem estado bastante doente o nosso prezado amigo e estimado solicitador sr. Francisco de Faria, a quem desejamos breves melhoras.

— Tem passado incomodado o nosso

prezado amigo sr. António José Pereira de Lima.

— Também tem estado doente a esposa do nosso prezado amigo sr. Amadeu José de Almeida.

Desejamos o breve e completo restabelecimento dos doentes.

Nascimentos

Deu à luz uma criança do sexo feminino a esposa do nosso amigo sr. Manuel Teixeira de Freitas. Parabéns.

ELIAS DA COSTA
ADVOGADOS

Largo da Oliveira n.º 15
Largo João Franco n.º 12

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural.

FALEGIMENTOS e SUFRÁGIOS

De luto

Pelo falecimento de um seu cunhado ocorrido recentemente em Lisboa, encontra-se de luto o nosso prezado amigo Sr. Francisco Vilhinho, hábil solicitador na capital, a quem apresentamos condolências.

— Também guarda luto pelo falecimento de um seu cunhado ocorrido em Vila Real, o nosso prezado amigo Sr. Fernando Augusto Teixeira e António Luís Teixeira, aos quais apresentamos pêsames.

— Pelo falecimento de uma tia de sua esposa está de luto, também, o nosso prezado amigo Sr. António da Silva Martinho, residente em V. N. de Famalicão.

Os nossos pêsames.

PROFESSORA DE PIANO
DIPLOMADA

Domíciada em Guimarães, aceita alunas.

Falar no HOTEL DO TOURAL, ou pelo telefone 4125. 739

DINHEIRO

Empresta-se a juros. Falar nesta redacção. 738

Ronda dos Mortos Uma Conferência EDITOS DE 20 DIAS A GRADECIMENTO

Conclusão

Esta frase de alento e lealdade, não foi desmentida pela regedorial figura. Subiu de fabricante de chinelas à mercancia dos couros e cabedais, sem nada ficar a dever às letras.

Passa, ao cair da noite, o *Senhor Fora*. Debaixo de uma bela, vai o sacerdote. Uma cruz, duas lanternas. Seguem atrás do Viático mulheres devotas. Em um casebre de Doñães está o moribundo. A li tânia do *Bendito*, sobe no escuro da noite. Alguns dias passam. E um clamor se ouve. E a velha companheira do *Poeira*, a gritar, alucinadamente: — *Ele não come!*... *Não quer comer!*...

Vizinhos entram no casebre. Espectáculo tétrico! O *Poeira*, morto, estendido na enxerga, tinha a boca atabafada com sardinhas. Quando os farfococos da Santa Casa vieram com o esquife, já o mísero, de nariz roído pelos ratos, cheirava mal.

Que horas são aquelas?! .. Estranhas horas, na verdade. Vinte e quatro, marteladas no sino do relógio! Parecia, tanto moer de horas, um toque a rebate. Fôra o caso que o *João das Doutrinas*, o relojoeiro, querendo acompanhar a nova contagem das horas, decretada oficialmente, foi-se à mquinaria do relógio da torre e... magicou o toque das horas, de uma a vinte e quatro. Sua oficina, passarinhante, passou, voando, da minha rua para o largo da Oliveira. Ali lhe foi dar recado o cabo José, casado com a Ana Bambóia — que, ao outro dia, tinha de marchar para Chaves, por onde ameaçava de entrar Couceiro nas suas incursões rebeldes contra o regimen. *João das Doutrinas* — contava-se depois — aturdido pela nova, olhou a sua fardeta de filiado no *Batalhão dos Voluntários da República*, e... não apareceu, por uns dias, na sua oficina. Foi, afinal, uma partida que o cabo José quis pregar aos *Voluntários*, para barometrar-lhes o arranque combativo.

— *Bom dia, vizinho!*...

Era o escrivão Mascarenhas que, surgindo à sua sacada, lançava cortezmente aos seus vizinhos, todos os dias, inalteravelmente. Após o que, recolhiam-se à escrivaninha, talhando nas laudas do papel selado o seu cursivo. Há meio século que isto se passou! O escrivão Mascarenhas parece que atravessou a vida na mansão dos «bons dias». Sereno. Cronométrico, fiel no officio. Palavras mansas. Ao findar da tarde, lá ia, com sua bengala castão de prata, até ao Café do Fernandes, à Porta da Vila. Era ali o ancoradouro dos... *fidalgos da terra*. Mascarenhas foi fidalgo nas maneiras e trato. Sua esposa, seus filhos, a velha criada Maria, formavam um conjunto familiar sem joio. O Gaspar, o Virgílio, o Manuel, vergonteados do escrivão Mascarenhas, já se partiram, há muito, com seus pais, para a última jornada.

Os arffices também tinham sua heráldica. O título profissional ia dos pais aos filhos, dos filhos aos netos. O *Violeiro* (avô) com oficina na Praça de S. Tiago, teve seu filho com oficina de violeiro na minha rua. Morrendo, sua viúva herdou-lhe o título de *Violeira*. E «violeiras» se ficaram chamando duas filhas. Ainda para aí há uma neta. Não faz violas, não as vende, não as toca. Mas é conhecida no mundo das suas relações pe-

la — *violeira*. Não foi tudo à sepultura...

— *E' de canudo!... a 120!... E vinte!... e vinte!...*

O alfoz do carvão era ali no Serralho. A *Minaua* velha e mais uma geração de *Minauas*, tinham o encargo da venda. Pelas ruas lançavam o pregão. Sonoro pregão, que me traz à lembrança outros pregões que passavam na minha rua.

— *Menuinias, queeeentes e graaandes!... O' queeeentes!*...

Quem o lançava, com voz elástica, sonora, já não era nova. Era eu criança, e corria atrás da mulhier das castanhas, com uma moeda de cobre, para lhas comprar, «quentes e grandes». Alternando o pregão, perdia-se ao longe o eco deste estribilho: — *O' queeeentes!*...

Nove horas da noite. Do quartel desce o terno de corneteiros, com caixa de rufo. Chegantes à Porta da Vila, fazem alto. A varanda da moradia do senhor Comandante, surge uma figura de grande vulto. Sentido! Movimentos de continência. Coronel Noronha ordena. De novo, já em marcha para o quartel, ouve-se o toque de recolher. Aquela figura de grande vulto já há muito que não surge na varanda daquela casa, à Porta da Vila. Foi, desta vida, abastido ao efectivo.

Uma gase lilaz deixa-me ver, para além dos tempos idos, em intermimo cortejo, a ronda dos mortos. Fecho os olhos. Basta!

A. L. de Carvalho.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 19 de Dezembro de 1947

Sob a presidência do Ex.^{mo} Provedor, Sr. Mário de Sousa Menezes, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Sendo esta a última sessão do corrente ano, a Mesa resolveu exarar na acta o seu muito reconhecimento às Ex.^{mas} Autoridades que por qualquer forma têm contribuído para a prosperidade desta Santa Casa e o mesmo quanto aos benfeitores que dela se têm lembrado e bem assim a valiosa colaboração, designadamente de todas as pessoas que com a Mesa têm colaborado com toda a dedicação, entre as quais o Corpo Clínico, Irmãos da Misericórdia, pessoal religioso, pessoal dos serviços administrativos e ainda a imprensa, designadamente a imprensa local.

Em seguida foi tomado conhecimento de um officio da Direcção Geral de Assistência a comunicar que o projecto respeitante a obras que a Mesa pretende fazer no Hospital Geral, já havia transitado para a Comissão de Construções Hospitalares.

Foi autorizada, a título precário, a petição do Sr. José Luís Pires, para fixar uns ferros de suporte num muro pertencente a esta Santa Casa, depois de ter verificado que no deferimento não havia inconveniente algum.

Como nos anos anteriores a Mesa resolveu melhorar as refeições nos Hospitais e Asilos a cargo da Santa Casa da Misericórdia, nos dias: Natal, Ano Novo e Reis, inaugurando-se, no dia de Natal o novo refeitório dos asilados no Hospital.

Resolveu mandar celebrar no próximo dia 30, às 10 horas, na Igreja da Misericórdia, uma Missa por alma do antigo Mesário Sr. Tenente Mário Pinheiro e enviar um telegrama de condolências ao Arquitecto Sr. Baltazar de Castro, pelo motivo do falecimento de sua mãe.

Foi verificado o cumprimento de todos os legados e aprovado o Balanete do Coife, apresentado pelo Sr. Tesoureiro.

Finalmente, foram registados, com muito reconhecimento, os seguintes donativos:

António de Oliveira, Filhos 500\$; De Onil, 200\$00 e Domingos da Cunha Guimarães, Pevidém, uma peça de pano; de um anónimo, 4 alqueires de milho, 4 de centeio e 5,5 de feijão.

Foi ainda verificado o movimento de doentes e tratados diversos assuntos de interesse desta Instituição.

Garrafas Vazias VENDEM-SE. Falar na Rua da Liberdade n.º 29 — GUIMARÃES.

A convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social e integrada no ciclo de conferências culturais da Liga realizou-se no Clube Fenianos Portuenses, uma conferência subordinada ao tema «O problema agrícola português considerado à luz da psicologia, da pedagogia e da sociologia», sendo prelector o Sr. Prof. Dr. Mário Gonçalves Viana.

Presidiu o Sr. Dr. José Maria Corte Real, presidente da Federação dos Amigos da Escola Primária, ladeado pelos Srs. Consul da Dinamarca, Dr. Carlos de Passos, Augusto Simões, Dr. Koll Alvarenga, Dr. Simeão Pinto de Mesquita, Waldemar Logfren, Dr. Alcino Pinto, Dr. Trigo de Abreu, Director da Estação Agronómica da Senhora da Hora e Dr. António Emílio de Magalhães, Director da Liga de Profilaxia Social.

O Sr. Prof. Dr. Mário Gonçalves Viana, depois de agradecer, em termos singelos, mas expressivos, as palavras do presidente da mesa, entra no tema da sua conferência, começando por estudar aquilo que deve entender-se pelo expressão *país agrícola*. Diz que os números estatísticos nem sempre fornecem a noção exacta da verdade, pois muitas vezes é a qualidade e não a quantidade que define o valor das nações. Aliaz, a lição dos factos todos os dias abala a solidez da lição dos números.

Em abono da sua tese, refere-se às crises agrícolas da nossa História, a começar em D. Fernando I. Refere-se à lei das semeaduras, e ao pouco êxito que ela teve segundo tudo leva a crer. A Idade Moderna foi, com os seus *fumos da Índia*, uma época de decadência agrícola, época de grandeza e de miséria, que marcou, de maneira impressionante, o declínio da lavoura portuguesa. Todas as tentativas feitas, desde então, em prol da agricultura não alcançaram êxito apreciável. Porquê?

A causa — diz o conferente — só pode atribuir-se a razões de ordem psicológica. Os reformadores e os legisladores têm-se esquecido de que o factor psicológico é fundamental, para o êxito. O exemplo da Holanda é irrisantissimo. Os portugueses têm terras e não sabem delas tirar o proveito que seria para desejar; os holandeses «inquistam» terras ao mar, e sobre elas fundamentam a sua vida económica. Estes últimos têm uma forte *consciência rural*, elemento que falta, entre nós. E' por carência dessa mentalidade rural, que a agricultura portuguesa continua a viver em circunstâncias precárias.

O Sr. Dr. Mário Gonçalves Viana, depois de insistir neste problema, e de esclarecer o seu pensamento, diz que esse *espírito rural* terá de começar a formar-se na Escola. Documenta as afirmações, com a citação de grandes pedagogos estrangeiros, e com as resoluções de algumas conferências internacionais da instrução pública.

Embora reconhecendo a dificuldade do problema, demonstra as largas possibilidades da Escola Rural, e de todos os outros meios de formação agrícola, hoje ao serviço da educação.

O exemplo da Dinamarca e da Turquia demonstram como, através da da Escola, é possível transformar a mentalidade de um povo *ruralizando-o* intensamente, e criando um *escol agrícola*, capaz de lhe dar uma forte estrutura económica-social.

A' volta deste tema — do escol agrícola e do regionalismo — tece o conferente oportunas considerações, que a assistência ouve com crescente interesse e curiosidade.

E' necessário — afirma o Sr. Dr. Mário Gonçalves Viana — dignificar a agricultura e o agricultor, para evitar o urbanismo desvaído tal como se está praticando. A propósito do desequilíbrio, cada vez maior entre o campo e a cidade, o conferente evoca alguns impressionantes factos históricos e sociais, que lhe merecem comentários certos. Diz que os sociólogos prevêem o advento de uma época em que os Campos e as Cidades entrarão em luta, se porventura não houver o cuidado e a prudência de evitar esse terrível choque, que já se esboça aqui e ali. Para prevenir semelhante luta, é necessário dignificar a Agricultura, criar o espírito rural, e, finalmente, estabelecer a harmonia entre a Aldeia e a Cidade, visto que só há progresso dentro de uma paz inteligente e justa estabelecida entre as diversas actividades de qualquer país.

José Rodrigues Ferreira
HORTICULTOR

Casa da Lomba — Cabouco — Coimbra

Encarrega-se da plantação de oliveiras com todos os requisitos da nova técnica, assim como todas as plantas de fruto.

Pode ser procurado em Guimarães, na PENSÃO LOPES, à «Porta da Vila».

PRECISA-SE

Viajante para Armazém de Fazendas Brancas. Informa esta Redacção.

Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Guimarães:

FAZ SABER que tendo de proceder-se à liquidação de contas com o empreiteiro Joaquim Tinoco Osório, natural da freguesia de Cabeçudos, concelho de Vila Nova de Famalicão, adjudicatário da obra de Pavimentação da Avenida Miguel Bombarda — (actual D. João IV), desta cidade, são convidados, por este meio, os credores do referido empreiteiro a apresentarem, nesta Câmara Municipal, no prazo de 20 dias, contados da data do presente edital, as suas reclamações por escrito, por dividas inerentes à referida empreitada.

Repartição de Engenharia da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães, 29 de Dezembro de 1947.

O Vice-Presidente da Câmara,

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Agradecimento

Os filhos, genros e nora e mais família da saudosa Tereza Maria de Oliveira Couto Vinagreiro julgam ter agradecido a todas as pessoas amigas que lhes apresentaram condolências e os honraram com a sua presença aos funerais da extinta, mas podendo terem cometido, embora involuntariamente, alguma falta, vêm por esta forma repará-la, a todos testemunhando a sua indelével gratidão.

Guimarães, 31 de Dezembro de 1947.

EDITOS DE 20 DIAS

Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Guimarães:

FAZ SABER que tendo de proceder-se à liquidação de contas com o empreiteiro Joaquim Tinoco Osório, natural da freguesia de Cabeçudos, concelho de Vila Nova de Famalicão, adjudicatário da obra de Pavimentação da Rua de Paio Galvão — (Prolongamento), desta cidade, são convidados, por este meio, os credores do referido empreiteiro a apresentarem, nesta Câmara Municipal, no prazo de 20 dias, contados da data do presente edital, as suas reclamações por escrito, por dividas inerentes à referida empreitada.

Repartição de Engenharia da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães, 29 de Dezembro de 1947.

O Vice-Presidente da Câmara,

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Fouregonet

VENDE-SE, marca «Renault», com 8 000 quilómetros, pintura nova e com a carga de 300 kg. de livrete.

Nesta redacção se informa.

A Comissão das Festas da Cidade de Guimarães, do ano de 1947, ao terminar os seus trabalhos, vem manifestar o seu mais reconhecido agradecimento a todos quantos, de qualquer modo, contribuíram com maior ou menor importância, mas no mesmo gesto que deu às suas ofertas e ao seu auxílio idêntico valor, no sentido de que as Festas da Cidade resultassem brilhantes.

Parece a esta Comissão ser de inteira justiça salientar, de modo especial, de entre todos os auxílios recebidos, os que se fizeram notar por ocasião da reconstrução da Praça de Toiros, pois que, tais auxílios, além de terem contribuído, sobretudo, para a realização de uma obra que se classificava de impraticável, trouxeram aos que se viram com essa arriscada e pesada tarefa sobre si, o estímulo para, no inacreditável espaço de 5 dias, fazerem reconstruir sobre as cinzas de uma tragédia, uma obra que ficou a demarcar aquilo de quanto é capaz o esforço unido e o entusiasmo de verdadeiro baírrismo do povo de Guimarães.

Na impossibilidade que esta Comissão verifica de poder agradecer pessoalmente, a cada um, o seu auxílio, a sua oferta ou a sua colaboração, recorre a este meio para se desempenhar da gratíssima obrigação de a todos afirmar o seu profundo e sincero reconhecimento.

731

PELA COMISSÃO,

José Mendes Ribeiro Júnior.

OURIVESARIA
JOSÉ FERNANDES
Cumprimenta os seus estimados Clientes, desejando-lhes Boas Festas e Feliz ANO NOVO.
Rua Paio Galvão
GUIMARÃES
Telefone, 4415

PADARIA
JOSÉ FERNANDES
Cumprimenta os seus estimados Clientes, desejando-lhes Boas-Festas e Feliz Ano Novo.
AVENIDA AFONSO HENRIQUES
GUIMARÃES

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO
CASA CHAFARICA
(REGISTADA)
Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4308 — GUIMARÃES
Anejo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas
CORRESPONDENTES de:
Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:
Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia — Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.
Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.
Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços officiaes.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CAMIONAGEM
Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES TRANSITÁRIOS

JOSE DE MELLO
Casa fundada em 1882
RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67
PORTO
Telefones 21078 e 21074
e Estado 57
CORREIO
Apartado 12

Explicações Dão-se explicações para o 1.º Ciclo do Liceu e para todos os anos do curso comercial. Informa-se na nossa Redacção.

Guarda-livros Ainda empregado, muito competente, deseja colocar-se em casa de grande movimento. Resposta à redacção ao número 696.

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.